



Uma tipologia para as construções finais no português

Fábio de Lima Moreira¹ e Michel Gustavo Fontes^{2*}

¹Programa de Pós-graduação em Estudos Linguístico, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil.

²Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Av. Ranulpho Marques Leal, 3484, 79613-000, Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: michel.fontes@ufms.br

RESUMO. Este artigo¹ propõe uma tipologia para as construções finais do português tendo por base os princípios teórico-metodológicos da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld & Mackenzie, 2008), centralmente seu modelo gramatical hierarquicamente estratificado em níveis e camadas. A tipologia a ser aqui proposta parte de uma descrição que busca alinhar propriedades funcionais e formais subjacentes aos diferentes usos das construções finais em português: por propriedades funcionais, são considerados aspectos da formulação dessas construções (como nível e camada de atuação da construção final); já por propriedades formais, são tomadas questões relativas à sua codificação morfossintática (como a camada de codificação da construção final). Para tanto, são revisitados alguns trabalhos anteriormente desenvolvidos, como os de Dias (2001), Antonio (2011), Neves (2011), Fontes (2016) e Moreira (2022), e também são utilizadas ocorrências reais de uso dessas construções extraídas do Corpus do Português, na modalidade Web/Dialetos (Davies & Ferreira, 2016). Como resultados, reconhecem-se cinco tipos de construções finais, duas do Nível Representacional, as eventivas e as epistêmicas, e três do Nível Interpessoal, as de motivação, as de orientação e as modificadoras interpessoais. Esses diferentes tipos de construções finais, distinguidos conforme as camadas dos níveis Interpessoal e Representacional, são codificados, em termos morfossintáticos, em diferentes padrões de combinação de orações: enquanto as construções finais representacionais são casos de subordinação, as construções finais interpessoais são casos ou de cossubordinação ou de extraoracionalidade.

Palavras-chave: orações adverbiais; orações finais; gramática discursivo-funcional.

A typology for purpose constructions in Portuguese

ABSTRACT. Following Functional Discourse Grammar principles (Hengeveld & Mackenzie, 2008), the aim of this paper is to propose a typology for purpose constructions in Portuguese based centrally in the levels and layers that organize this model. The typology to be proposed here takes into consideration a description of different uses of purpose constructions in Portuguese in terms of functional and formal properties: functional properties regard aspects of the formulation of these constructions (such as level and layer of formulation of the purpose construction); as for formal properties, this paper looks to questions relating the morphosyntactic encoding of purpose constructions (as their encoding layer). Based on typologies proposed by Dias (2001), Antonio (2011), Neves (2011), Fontes (2016) and Moreira (2022), this paper investigates real usage occurrences of purpose construction, from Corpus do Português (Davies & Ferreira, 2016), and distinguishes five types of purpose constructions, two from Representational Level (eventive and epistemic) and three from Interpersonal Level (motivation, orientation and interpersonal modifiers). These different types of purpose constructions, distinguished according to the layers of Interpersonal and Representational levels, are encoded, in morphosyntactic terms, in different patterns of clause combination: while representational constructions are cases of subordination, interpersonal constructions are cases of or co-subordination or extra-clausality.

Keywords: adverbial clauses; purpose clauses; functional discourse grammar.

Received on June 17, 2024.
Accepted on January 22, 2025.

¹ Este artigo revisa, em grande medida, os resultados apresentados na dissertação de mestrado de Moreira (2022), defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras do Câmpus de Três Lagoas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Seu desenvolvimento contou com apoio da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT)/Proc. 17/2019.

Introdução

Segundo Cristofaro (2003), construções finais articulam dois estados-de-coisas de modo que um (o principal) é executado com o objetivo de se chegar à concretização do outro (o dependente). Extrapolando em certa medida essa definição de base semântico-cognitiva, este trabalho, com base em Dias (2001), assume que tais construções expressam um movimento que parte de uma origem (expressa na oração ou no segmento principal) rumo a um objeto da finalidade no mundo das intenções (contido na oração final), e que esse movimento pode se dar em distintos níveis e/ou planos, como físico (vd. (1)), epistêmico (vd. (2)) e discursivo (vd. (3) e (4)).

- (1) Fingiu de dorminhoco ‘para que Sofia se distraísse’ (Neves, 2011, p. 887, grifo da autora)
- (2) Assim como me olho no espelho, ‘a fim de saber se estou em ordem’, experimento também a voz (Neves, 2011, p. 888, grifo da autora).
- (3) Cuidemos ‘para que o sol não vos queime a pele’ (Neves, 2011, p. 889, grifo da autora).
- (4) Olhe, Santos, ‘para ser franco’, não conheço cavalo melhor do que o meu (Neves, 2011, p. 891, grifo da autora).

Em (1), expressa-se uma trajetória que, ao partir de um evento motriz, designado na oração principal (‘fingir de dorminhoco’), rumo a um objeto de finalidade, representado pelo evento expresso na oração circunstancial (‘Sofia se distrair’), assenta-se num plano físico (da concretude da situação ali retratada). O movimento de finalidade em (2), por sua vez, apoia-se em crenças e atitudes subjetivas do falante: o evento origem de ‘me olhar no espelho’ (expresso na oração principal) desenvolve-se com a intenção de atingir a proposição (construto mental) da subjetividade do falante, veiculada na oração subsidiária (o de ‘saber se estou em ordem’).

Em (3) e (4), por fim, esse trajeto de uma origem a um fim sobrepõe o mundo físico, projetando-se para as circunstâncias enunciativas: em (3), a oração final evoca uma declaração (‘o sol não queimar a pele’) que justifica a ordem (‘cuidar-se’) proferida pelo falante aos ouvintes; já em (4), o conteúdo evocado na oração final (‘ser franco’) age como uma interferência do falante na sequência discursiva, modificando a declaração expressa na oração principal (‘não conhecer cavalo melhor do que o meu’) ao trazer uma avaliação do próprio falante sobre o que ali se comunica, o que muito assegura sua face.

Esses diferentes planos em que se instaura o esquema ‘origem-trajetória-meta’ (Dias, 2001), característico das construções finais, são aqui analisados conforme o modelo da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008). Acredita-se que sua arquitetura estratificada, em níveis e camadas hierarquicamente ordenados, permite uma descrição refinada dos diferentes tipos de construções finais do português ao alinhar propriedades de sua formulação (em termos de traços semântico-pragmáticos) e de sua codificação (em termos de estruturação morfossintática).

Esta investigação segue, portanto, dois objetivos: (i) descrever as propriedades funcionais (próprias à formulação) e formais (de codificação morfossintática) subjacentes aos usos de construções finais no português; e (ii) delinear uma tipologia dessas construções finais. Para tanto, revisitando tipologias já propostas por Dias (2001), Antonio (2011), Neves (2011), Fontes (2016) e Moreira (2022), este trabalho investiga ocorrências reais de usos dessas construções extraídas do banco de dados *Corpus* do Português, em sua versão Web/Dialetos (Davies & Ferreira, 2016).

O trabalho está estruturado em três seções. A duas primeiras abordam aspectos teóricos importantes para a análise. A terceira traz os resultados da investigação, com uma proposta de tipologia para as construções finais no português. As considerações finais encerram o trabalho com um quadro geral dos resultados e com alguns avanços para a abordagem da GDF acerca de construções adverbiais/circunstanciais.

A Gramática Discursivo-Funcional

Hengeveld e Mackenzie (2008) concebem a GDF enquanto o Componente Gramatical de um modelo mais global da interação verbal. Esse Componente Gramatical, responsável pela produção de uma expressão linguística, articula-se a outros três componentes não linguísticos: o Componente Conceitual, responsável pelas conceitualizações e intenções comunicativas do falante que impulsionam a produção de uma expressão linguística; o Componente Contextual, abrigando informações co(n)textuais que influem sobre a produção de uma expressão linguística; e, por fim, o Componente de Saída, responsável por materializar o *input* proveniente do Componente Gramatical em representações acústicas, escritas e/ou simbólicas.

No Componente Gramatical, a produção de uma expressão linguística parte de duas operações: a ‘formulação’, que converte a intenção comunicativa e as conceptualizações do falante em representações

pragmáticas e semânticas; e a ‘codificação’, que dá forma a essas representações pragmático-semânticas por meio de estruturas morfossintáticas e fonológicas, gerando *input* para o Componente de Saída.

Essas duas operações sustentam a organização hierárquica da GDF em quatro níveis: enquanto a formulação impulsiona as representações dos níveis Interpessoal e Representacional, a codificação dá base para os níveis Morfossintático e Fonológico. Embora atuem como módulos separados, esses níveis podem interagir entre si via relações de interface, de modo que a GDF prima pelo alinhamento entre níveis, sempre seguindo uma arquitetura descendente (*top-down*): ações tomadas nos níveis superiores influenciam nas ações dos níveis inferiores.

Esses quatro níveis de análise encontram-se internamente estratificados em camadas hierarquicamente organizadas, conforme o esquema em (5).

$$(5) (\pi v_1: [\text{núcleo } (v_1)_\phi]: [\sigma (v_1)_\phi])$$

Em (5), tem-se um ‘molde’, um esquema abstrato que determina as possíveis combinações entre elementos para compor as camadas dos níveis da formulação. A variável v_1 representa a camada relevante para a descrição linguística, que conta com um ‘núcleo’, elemento de natureza lexical que corresponde à informação mais elementar no molde. À camada, podem aplicar-se primitivos (blocos construtores dos níveis) como ‘modificadores’ (σ), ‘operadores’ (π) e ‘funções’ (ϕ)².

O Nível Interpessoal, responsável pela formulação interpessoal, captura quaisquer distinções linguisticamente marcadas que dizem respeito à manutenção do canal interativo e/ou comunicativo criado entre os participantes da comunicação. Sua estruturação parte do reconhecimento de unidades que evocam a dinâmica da interação verbal, como as retóricas, vinculadas ao modo como o falante organiza seu discurso tendo em vista seu objetivo comunicativo, e as pragmáticas, em termos do modo como o falante molda sua mensagem a partir de suas expectativas com relação ao ouvinte.

As camadas do Nível Interpessoal estão dispostas em (6): o ‘Movimento’ (M), camada mais alta, pode conter, em sua configuração, um ou mais ‘Atos Discursivos’ (A); já o Ato pode estar constituído de uma *Ilocução* (F), dos ‘Participantes – Falante’ ((P₁)_S) e *Ouvinte* ((P₂)_A) – e de um ‘Conteúdo Comunicado’ (C), que, por sua vez, é nucleado por ‘Subatos’, de ‘Referência’ (R) e/ou de ‘Atribuição’ (T).

$$(6) (M_1: [(A_1: [(F_1) (P_1)_S (P_2)_A (C_1: [(T_1)_{(\phi)} (R_1)_{(\phi)}] (C_1)_{(\phi)})] (A_1)_{(\phi)})] (M_1))$$

O Nível Representacional, responsável pela formulação representacional (semântica), lida ou com propriedades que dizem respeito ao modo como as diferentes línguas referenciam e descrevem o mundo extralinguístico, ou com os significados de unidades lexicais e de unidades complexas isolados de seu uso na comunicação.

As camadas desse nível correspondem a categorias semânticas definidas em termos ontológicos, conforme dispõe (7): o Conteúdo Proposicional (p), designa qualquer construto mental do falante; o Episódio é um conjunto de Estados-de-Coisas tematicamente coerentes, apresentando unidade ou continuidade de Tempo (t), Locação (l) e Indivíduos (x); o Estado-de-Coisas (e) descreve eventos e/ou estados localizáveis no tempo e no espaço e seu núcleo pode ser preenchido por uma Propriedade simples, no caso uma Propriedade Lexical (f), ou por uma Propriedade Configuracional (f^c), que abriga o inventário de esquemas de predicação relevantes de uma língua.

$$(7) (p_1: (ep_1: (e_1: (f_1^c: [(f_1)^n (x_1)_{(\phi)}] (f_1^c)) (e_1)_{(\phi)} (ep_1)_{(\phi)} (p_1)_{(\phi)}))$$

A codificação do duplo *input* gerado a partir dos níveis da formulação fica a cargo dos níveis Morfossintático (codificação morfossintática) e Fonológico (codificação fonológica). Ao Nível Morfossintático, cabe estruturar esse *input* em unidades morfossintáticas como as dispostas em (8): Expressão Linguística (Le), Oração (Cl), Sintagma (Xp), que pode ser Nominal (Np), Adjetival (Adjp), Verbal (Vp) ou Adverbial (Advp), e/ou Palavra (Xw), que pode ser Lexical (Lw) ou Gramatical (Gw).

$$(8) (Le_1: (Cl_1: [(Xw_1) (Xp_1)] (Cl_1)) (Le_1))$$

O Nível Fonológico, por fim, encarrega-se de oferecer representações fonêmicas baseadas em oposições fonológicas binárias. Esse nível toma o *input* proveniente dos outros três níveis e provê *input* para a articulação no Componente de Saída³.

² ‘Modificadores’ são estratégias lexicais empregadas pelo falante para restringir a denotação ou a evocação de uma camada, enquanto ‘operadores’ consistem em expressões gramaticais que especificam o conteúdo designado ou evocado por uma camada. ‘Funções’ são estratégias altamente gramaticais de vinculação, articulando (semântica ou pragmaticamente) unidades linguísticas da mesma camada.

³ Este nível não será aqui desenvolvido uma vez que a proposta de análise a ser apresentada abarca aspectos das construções finais próprios dos níveis Interpessoal,

Seguindo tal arquitetura, a GDF representa um modelo de gramática funcional que busca construir descrições linguísticas relevantes para explicar o uso da língua com objetivos comunicativos na interação verbal e compatíveis com o conhecimento sobre o processamento mental envolvido na produção de expressões linguísticas.

Combinação de orações na GDF

Na GDF, a combinação de orações (ou de orações e sintagmas) é tratada nas diversas camadas que integram o Nível Morfossintático. Duas camadas são aqui relevantes para o tratamento das construções finais: Expressão Linguística e Oração.

Na camada da Expressão Linguística, primeira desse nível, orações e sintagmas podem ser combinados conforme os padrões dispostos na Figura 1.

Configuração	Padrão
Equiordenação oracional	(Le ₁ : [(^{dep} Cl ₁) (^{dep} Cl ₂)] (Le ₁))
Equiordenação sintagmática	(Le ₁ : [(Xp ₁) (Xp ₂)] (Le ₁))
Cossubordinação	(Le ₁ : [(^{dep} Cl ₁) (^{dep} Cl _{n-1}) (Cl _n)] (Le ₁))
Extraoracionalidade	(Le ₁ : [(Xp ₁) (Cl ₁)] (Le ₁))
Coordenação	(Le ₁ : [(Cl ₁) (Cl _{n-1}) (Gw ₁) (Cl _n)] (Le ₁))
Listagem	(Le ₁ : [(Xp ₁) (Xp _{n-1}) (Gw ₁) (Xp _n)] (Le ₁))

Figura 1. Padrões da Expressão Linguística.

Fonte: Adaptado de Hengeveld & Mackenzie (2008, p. 309).

Para o tratamento das construções finais, interessa, aqui, explicar os padrões de Cossubordinação e de Extraoracionalidade. Na Cossubordinação, são combinadas duas Orações, de modo que uma delas é autônoma (com estatuto independente), e a outra não (de estatuto dependente), e entre elas não há qualquer relação de constituição. É o que se observa em (9): enquanto a segunda Oração (Cl₁) tem estatuto autônomo, a primeira (Cl₁) não, e esta não é constituinte da outra.

(9) As for the Beatles being boring, you should read Lennon's biography (Keizer, 2018, p. 183).

(Le₁: [(^{dep}Cl₁: – as for the Beatles being boring – (^{dep}Cl₁)) (Cl₁: – you should read Lennon's biography – (Cl₁))] (Le₁))

Já a Extraoracionalidade representa um padrão em que um Sintagma se combina a uma Oração, e, enquanto a Oração tem estatuto independente, o Sintagma não. Em (10), por exemplo, o Sintagma Nominal *as for the Beatles* (Np_i) se combina com a Oração (Cl₁), tendo esta estatuto independente, e aquele, não.

(10) As for the Beatles, I think they are rather boring (Keizer, 2018, p. 183).

(Le₁: [(Np_i: – as for the Beatles – (Np_i)) (Cl₁: – I think they are rather boring – (Cl₁))] (Le₁))

Na camada da Oração, podem ser combinadas diferentes Orações numa relação de subordinação, definida em termos de 'encaixamento': uma Oração pode integrar o padrão de outra numa relação de constituição, isto é, como constituinte de outra Oração. Essas relações de constituição são reflexos morfossintáticos de relações de dependência semântica (do Nível Representacional), como: (i) a relação núcleo-dependente, que se dá entre o predicado e os seus argumentos e é própria da formulação de construções completivas, e (ii) a relação núcleo-modificador, que se dá, por exemplo, entre nome e adjetivo atributivo e é própria de construções relativas e adverbiais.

Na classificação de quaisquer construções subordinadas, devem ser consideradas as camadas representacionais ou interpessoais subjacentes à sua estrutura. No caso da subordinação adverbial, é a função semântica ou a conjunção lexical que determina as camadas a serem articuladas. Em (11), por exemplo, a formulação representacional da construção adverbial causal envolve uma relação núcleo-modificador, em que a circunstância causal, marcada, no Nível Morfossintático, pela conjunção *because*, articula dois Estados-de-Coisas, de modo que o Estado-de-Coisas nuclear (e_i) é restringido (modificado) pelo Estado-de-Coisas subsidiário (e_j), que assinala àquele uma circunstância causal; no Nível Morfossintático, a Oração adverbial (^{dep}Cl₁) é constituinte da Oração principal (^{main}Cl₁), encaixada na posição de modificador adverbial.

(11) I only took her to the doctor because she had a bad nose bleed at playgroup (Keizer, 2018, p. 142).

NR: (e_i: – I only took her to the doctor – (e_i): (e_j: – she had a bad nose bleed at playgroup – (e_j)_{Cause}) (e_i))

NM: (^{main}Cl₁: [(Np_i: – I – (Np_i)) (Gw_i: – only – (Gw_i)) (Vp_i: – took – (Vp_i)) (Np_j: – her – (Np_j)) (Adpp_i: – to the doctor – (Adpp_i))

(^{dep}Cl₁: – because she had a bad nose bleed at playgroup – (^{dep}Cl₁))] (^{main}Cl₁))

Assim, pelo viés da GDF, é determinante entender as camadas representacionais e/ou interpessoais subjacentes à estrutura de qualquer construção subordinada ou aos diferentes padrões de Expressão Linguísticas. E é sobre esse ponto que se foca este trabalho: (i) quais camadas dos níveis Interpessoal e Representacional podem articular as diferentes relações finais aqui distinguidas? e (ii) como essas diferentes maneiras de formulação das construções finais podem influir em sua codificação morfossintática?

Tipologia das construções finais no português

A proposta de tipologia das construções finais que aqui se pretende delinear prima pelo alinhamento entre propriedades semântico-pragmáticas subjacentes a sua formulação e traços estruturais associados a sua codificação morfossintática.

Para tanto, a investigação se baseia numa amostragem de quatrocentas ocorrências de construções finais coletadas por Moreira (2022), no banco de dados *Corpus* do Português (doravante CP), em sua versão Web/Dialetos (Davies & Ferreira, 2016)⁴. De modo a caracterizar o que está envolvido na formulação de tais construções, investigam-se três propriedades centrais: (i) as entidades/camadas dos níveis Representacional e/ou Interpessoal designadas/evocadas pelo segmento/oração principal; (ii) as entidades/camadas dos níveis Representacional e Interpessoal designadas/evocadas pela oração final; e (iii) o estatuto da oração final em termos de primitivos da formulação.

Além disso, para se determinar o modo como essas propriedades funcionais se mapeiam na codificação morfossintática dessas construções, foram analisados (i) o padrão morfossintático que estrutura a construção final, e (ii) o tipo de relação sintática estabelecida entre as unidades formais combinadas na construção.

A partir dessa metodologia, são traçados, primeiramente, dois conjuntos maiores de construções finais: as ‘construções finais descritivas’, cuja constituição se dá a partir de decisões denotativas próprias da formulação representacional, e as ‘construções finais discursivas’, cuja composição se dá por estratégias comunicativas concernentes à formulação interpessoal. Esses dois conjuntos são especificados em cinco diferentes tipos de construções finais, apresentados a seguir.

Construções finais descritivas

Construções adverbiais, em termos de ‘formulação representacional’, correspondem, no geral, a estratégias denotativas do falante, vinculando conteúdos que designam alguma realidade do mundo extralinguístico. As ‘construções finais descritivas’ descrevem, então, situações que, assentadas espaço-temporalmente, trazem um fato central (expresso na oração principal) desenvolvido para o alcance de um propósito (designado na oração final), o que é um claro retrato do esquema cognitivo ‘origem-trajetória-meta’ (Dias, 2001).

Com base em Pérez Quintero (2002), distinguem-se aqui dois tipos de construções finais descritivas: as ‘eventivas’, em que a trajetória de uma origem a uma meta se assenta numa realidade espaço-temporal física e concreta, e as ‘epistêmicas’, em que tal trajetória se assenta em crenças e/ou opiniões do falante.

As ‘construções finais eventivas’ se caracterizam por conter um Estado-de-Coisas subsidiário, que, expresso na oração final, designa a circunstância final que interfere no desenvolvimento de um evento (ou conjunto de eventos) ou na veiculação de uma proposição, ou seja, o Estado-de-Coisas subsidiário restringe a veiculação de uma entidade nuclear (designada na oração principal), que pode ser outro Estado-de-Coisas, um Episódio ou um Conteúdo Proposicional.

A ocorrência em (12) representa uma construção final eventiva em que se articulam dois Estados-de-Coisas: nota-se que o Estado-de-Coisas subsidiário (e_i) de ‘prosseguir com a série’ representa a finalidade com que o sujeito executa o nuclear (e_j), de ‘estar levantando os dados’. Ao Estado-de-Coisas subsidiário (e_i), é então atribuída a função semântica Propósito (*Purpose*), o que representa adequadamente a relação de restrição (ou modificação) estabelecida entre os dois Estados-de-Coisas articulados.

(12) ‘Estou levantando dados ‘para prosseguir com a série’’, aguardem as próximas postagens!! (CP-Web/Dialetos: 001pontodevista.zip.net)

NR: (e_i : – estou levantando dados – (e_j : – prosseguir com a série – (e_j)_{Purpose}) (e_i))

NM: (^{main}Cl_i: [(Vp_i: – estou levantando – (Vp_i)) (Np_i: dados (Np_i)) (^{dep}Cl_j: – para prosseguir com a série – (^{dep}Cl_j))] (^{main}Cl_i))

⁴ As quatrocentas ocorrências analisadas distribuem-se entre construções finais com ‘para’, ‘para que’, ‘a fim de’ e ‘a fim de que’, contando com cem dados de cada. Neste artigo, o tipo de conectivo final não foi alvo de controle, já que não interfere na proposição da tipologia das construções analisadas. Ressalva-se que, ao longo da análise, também serão usados dados secundários, de trabalhos consultados.

Já em (13), o sujeito da construção, para atingir o objetivo de *ser um pesquisador capaz* (evento descrito na oração final), precisa seguir uma série de passos ('balancear a prática com a teoria, renovar-se sempre, desenvolver por escrito...'). Assim, em termos representacionais, o Estado-de-Coisas subsidiário (e_n), que veicula a circunstância final, toma como escopo um Episódio (ep_i), ou seja, não modifica um único Estado-de-Coisas, mas todo um conjunto de Estados-de-Coisas tematicamente coerentes, com unidade de tempo, espaço e indivíduos entre eles.

- (13) 'Para ser pesquisador capaz', ele precisa balancear a prática com a teoria, renovar-se sempre, desenvolver por escrito a inovação que ele formulou e mostrar a os colegas suas experiências, ao participar de eventos para expor sua descoberta⁵. (CP-Web/Dialetos: alb.com.br)

NR: (ep_i : [(e_i : - ele precisa balancear a prática com a teoria - (e_i)) (e_j : - renovar-se sempre - (e_j)) (e_k : - desenvolver por escrito a inovação que ele formulou - (e_k)) (e_l : - mostrar aos colegas suas experiências - (e_l)) (e_m : - participar de eventos para sua descoberta - (e_m))] (ep_i): (e_n : - ser pesquisador capaz - (e_n)_{Purpose}) (ep_i))

NM: (^{main}Cl_i: [(^{dep}Cl_i: - para ser pesquisador capaz - (^{dep}Cl_i)) (Np_i: ele (Np_i)) (Vp_i: - precisa - (Vp_i)) (^{dep}Cl_k: - balancear a prática com a teoria - (^{dep}Cl_k)) (^{dep}Cl_l: - renovar-se sempre - (^{dep}Cl_l)) (^{dep}Cl_m: - desenvolver por escrito a inovação que ele formulou - (^{dep}Cl_m)) (^{dep}Cl_n: - mostrar aos colegas suas experiências - (^{dep}Cl_n)) (^{dep}Cl_v: - participar de eventos para sua descoberta - (^{dep}Cl_v))] (^{main}Cl_i))

Nota-se, em (13), que a construção final ali representada envolve, numa relação de modificação, um Episódio nuclear (ep_i) e um Estado-de-Coisas subsidiário (e_n), ao qual se atribui a função semântica Propósito (*Purpose*).

Em (14), a construção final eventiva vincula um Estado-de-Coisas subsidiário (e_i) a um Conteúdo Proposicional nuclear (p_i), de modo que a finalidade expressa pelo Estado-de-Coisas subsidiário restringe, de alguma maneira, a execução de uma atividade cognitiva do falante, como a expressão de uma ideia, de um julgamento, de uma avaliação e/ou a veiculação de um construto mental qualquer.

- (14) Com a aproximação de o parto, o feto pressiona o colo de o útero e o tampão pode se soltar "», conta o dr. Eduardo. O bebê continua protegido por a bolsa d'água e ainda pode demorar 15 dias para nascer. Em a calcinha, o tampão aparece como um corrimento amarelado ou esverdeado. É normal que contenha um pouco de sangue. 'Em todos esses casos é importante ligar para o seu médico 'a fim de que ele acompanhe todos os sinais'⁶. (CP-Web/Dialetos: einstein.br)

NR: (p_i : - em todos esses casos é importante ligar para o seu médico - (p_i): (e_i : - a fim de que ele acompanhe todos os sinais - (e_i)_{Purpose}) (p_i))

NM: (^{main}Cl_i: [(Adpp_i: - em todos esses casos - (Adpp_i)) (Adj_p_i: [(Adj_w_i: importante (Adj_w_i)) (^{dep}Cl_j: - ligar para seu médico - (^{dep}Cl_j))] (Adj_p_i)] (^{dep}Cl_k: - a fim de que ele acompanhe os sinais - (^{dep}Cl_k))] (^{main}Cl_i))

Como se pode observar, em (14), são combinados, numa relação de modificação, um Conteúdo Proposicional nuclear (p_i) e um Estado-de-Coisas subsidiário (e_i), ao qual se atribui a função semântica *Purpose*.

As construções finais epistêmicas compõem-se necessariamente de um Conteúdo Proposicional subsidiário (expresso na oração final), articulado a uma entidade nuclear (designada na oração principal), que pode ser um Estado-de-Coisas ou outro Conteúdo Proposicional.

A ocorrência em (15) representa uma construção final epistêmica em que se articulam dois Conteúdos Proposicionais: o falante avalia como 'indispensável' o fato de 'se progredir para um estado de iluminação' tendo como propósito a 'possibilidade' de 'o homem reconhecer esses males e essas falsidades'. É clara aí a articulação entre dois construtos mentais do falante, de maneira que a veiculação do Conteúdo Proposicional nuclear (p_i) é restringida por uma circunstância final motriz idealizada pelo falante e designada pelo Conteúdo Proposicional subsidiário (p_j), ao qual se atribui a função semântica Propósito (*Purpose*).

- (15) falsidades cuja qualidade interior os meros conhecimentos não são capazes de revelar. "A fim de que o homem possa reconhecer esses males e essas falsidades", é indispensável que progrida para um estado de iluminação (CP-Web/Dialetos: 24.229.2.221).

NR: (p_i : - é indispensável que progrida para um estado de iluminação - (p_i): (p_j : - a fim de que o homem possa reconhecer esses males e essas falsidades - (p_j)_{Purpose}) (p_i))

NM: (^{main}Cl_i: [(Gw_i: - é cop - (Gw_i)) (Adj_p_i: [(Adj_w_i: - indispensável - (Adj_w_i)) (^{dep}Cl_j: - que progrida para um estado de iluminação - (^{dep}Cl_j))] (Adj_p_i)] (^{dep}Cl_k: - a fim de que o homem possa reconhecer esses males e essas falsidades - (^{dep}Cl_k))] (^{main}Cl_i))

Em (16), a construção final epistêmica envolve a combinação entre um Conteúdo Proposicional subsidiário (p_i) e um Estado-de-Coisas nuclear (e_i): o desenvolvimento do evento de 'promulgar as leis em meio a tantos milagres' tem como objetivo chegar a um determinado conhecimento, a uma ciência do povo em relação à divindade dessas leis.

⁵ Associação de Leitura do Brasil [ALB]. Faculdade de Educação, Unicamp. alb.com.br

⁶ Meu Einstein. www.einstein.br.

(16) Mas escuta: ‘elas foram promulgadas em meio a tantos milagres ‘a fim de que se soubesse que elas eram não somente leis civis e morais, mas também Leis Divinas, e que transgredi-las não era somente agir mal para com o próximo, mas ainda pecar contra Deus’’ (CP-Web/Dialetos: 24.229.2.221).

NR: (e_i: – elas foram promulgadas em meio a tantos milagres – (e_i): (p_i: – a fim de que se soubesse que elas eram não somente leis civis e morais, mas também Leis Divinas, e que transgredir-las não era somente agir mal para com o próximo, mas ainda pecar contra Deus – (p_i)_{Purpose}) (e_i))

NM: (^{main}Cl_i: [(Np_i: – elas – (Np_i)) (Vp_i: – foram promulgadas – (Vp_i)) (Adpp_i: – em meio a tantos milagres – (Np_i)) (^{dep}Cl_k: – a fim de que se soubesse que elas eram não somente leis civis e morais, mas também Leis Divinas, e que transgredi-las não era somente agir mal para com o próximo, mas ainda pecar contra Deus – (^{dep}Cl_k))] (^{main}Cl_i))

É bastante nítida, em (16), a combinação entre um Estado-de-Coisas e um Conteúdo Proposicional, de maneira que o Conteúdo Proposicional subsidiário (p_i) restringe a ocorrência do Estado-de-Coisa nuclear (e_i), assinalando uma circunstância final motriz; ao Conteúdo Proposicional subsidiário (p_i), portanto, é atribuída a função semântica *Purpose*.

De modo geral, os dados até aqui analisados permitem notar que as construções finais descritivas (sejam eventivas, sejam epistêmicas) envolvem uma relação de restrição semântica: é semântica na medida em que articula duas entidades representacionais servindo aos propósitos comunicativos do falante de designar uma situação (eventiva ou epistêmica) do mundo; e é restritiva na medida em que a entidade representacional subsidiária traz uma circunstância final que circunscreve, de alguma maneira, aquilo que descreve a entidade representacional nuclear. Tais construções, então, são formuladas, no Nível Representacional, em termos de uma relação núcleo-modificador, de ‘modificação adverbial’, em que a entidade representacional de estatuto subsidiário representa um modificador circunstancial que interfere na ocorrência e/ou na veiculação da outra, de natureza nuclear.

No Nível Morfossintático, esse tipo de formulação representacional captura-se numa configuração formal que envolve maior vinculação sintática entre oração principal e adverbial, uma vez que essa restrição semântica própria às construções finais descritivas revela que a Oração que codifica a entidade subsidiária, chamada de Oração dependente (^{dep}Cl), é um constituinte adverbial da outra Oração, que representa o núcleo, denominada Oração principal (^{main}Cl).

Assim, essa relação de constituência, no Nível Morfossintático, determina a estruturação das construções finais descritivas em termos de um padrão morfossintático de ‘encaixamento’, de ‘subordinação adverbial’, em que a Oração dependente (^{dep}Cl) encaixa-se na posição de modificador adverbial da Oração principal (^{main}Cl).

Em suma, numa busca por alinhar traços da formulação e da codificação morfossintática, chega-se a uma caracterização do quadro de construções finais do Nível Representacional (tratadas como ‘construções finais descritivas’) a partir de dois tipos: (i) a ‘construção final descritiva eventiva’ (em que se articulam um Estado-de-Coisas subsidiário e uma entidade nuclear que pode ser outro Estado-de-Coisas, um Episódio ou um Conteúdo Proposicional), e (ii) a ‘construção final descritiva epistêmica’ (em que se articulam um Conteúdo Proposicional subsidiário e uma entidade nuclear que pode ser um Estado-de-Coisas ou outro Conteúdo Proposicional).

Construções finais discursivas

Uma construção adverbial, em termos de ‘formulação interpessoal’, tem seu uso atrelado à organização discursiva da interação, correspondendo a uma estratégia retórica e/ou interativa do falante. As ‘construções finais discursivas’ não mais expressam uma circunstância semântica (como a de finalidade) que afeta, de alguma maneira, a realidade de um evento ou de uma proposição do mundo extralinguístico (não podendo, então, ser tratadas como casos de ‘modificação adverbial’), mas funcionam, na verdade, como projeções de circunstâncias enunciativas (do aqui-e-agora da interação) que impactam a elocução de atos de fala, ou melhor, a trajetória de uma origem a um objeto de finalidade se direciona para o próprio ato de fala e/ou para a interação.

Nesse sentido, há duas maneiras de tratamento, dentro do Nível Interpessoal, das construções finais discursivas:

- i. como articulação retórica entre Atos Discursivos, em que a construção final corresponde a uma estratégia de organização do discurso, funcionando como medida com que o falante tenta assegurar, para sua mensagem, uma disposição coerente de informações e uma recepção adequada por parte do ouvinte;
- ii. como modificação interpessoal, em que a construção final se volta para o gerenciamento da interação, estrategicamente empregada pelo falante para chamar a atenção de seu ouvinte e, assim, garantir sua (do ouvinte) disposição em participar do evento discursivo.

As construções finais discursivas do grupo (i), voltadas à organização do discurso, abrigam dois subtipos: as construções finais de motivação e as construções finais de orientação. Em (17), apresenta-se um caso de construção final de motivação, em que o escopo da finalidade ali expressa não recai sobre o desenvolvimento de um evento ou sobre a veiculação de uma proposição, mas gera algum impacto sobre a força de um ato discursivo anteriormente proferido, ou melhor, sobre a força ilocucionária (geralmente imperativa) que reveste o ato de fala dirigido pelo falante ao ouvinte.

(17) Antes de beber, ingira frutose (o açúcar de as frutas); * ‘Faça uma inalação de oxigênio a 100% a fim de ajudar a combater a ressaca’. (CP-Web/Dialetos: 007blog.net).

NI: (M_i: [(A_i: – faça uma inalação de oxigênio a 100% – (A_i)) (A_j: – ajudar a combater a ressaca – (A_j)_{Mot}]) (M_i)

NM: (L_e: [(Cl_i: – faça uma inalação de oxigênio a 100% – (Cl_i)) (^{dep}Cl_j: – a fim de ajudar a combater a ressaca – (Cl_j))] (L_e_i))

Nota-se, em (17), que o Ato Discursivo declarativo ‘a fim de ajudar a combater a ressaca’ evoca a motivação para a ordem/sugestão proferida pelo falante com o Ato anterior (‘faça uma inalação de oxigênio a 100%’), ou seja, a elocução do Ato declarativo (codificado na oração final) insere, no discurso, uma circunstância enunciativa que justifica a enunciação do Ato Discursivo imperativo.

Isso, na GDF, corresponde a uma estratégia retórica de organização da mensagem e é descrito em termos de relação de dependência entre Atos: o primeiro (A_i) é um Ato nuclear por figurar como a parte de informação mais central do Movimento, já que a principal intenção do falante ao produzir seu segmento de discurso é evocar uma ordem ou uma sugestão para o ouvinte; o segundo (A_j) é um Ato subsidiário, uma vez que apenas evoca a finalidade (ou a motivação) para a ordem e/ou a sugestão expressa anteriormente, não configurando, assim, uma informação chave do falante para seu ouvinte. A esse Ato subsidiário (A_j) é atribuída uma função retórica, a de Motivação (Mot).

Outro subtipo de construção final discursiva voltado para a organização do discurso está em (18): a oração final evoca um cenário a partir do qual se deve compreender a inserção do conteúdo comunicado pela outra oração, ou melhor, o Ato Discursivo evocado na oração ‘para utilizar o *baby liss*’ antecipa o assunto da instrução expressa no Ato seguinte (‘lembre-se de estar com os cabelos totalmente secos’). Trata-se de uma funcionalidade bastante semelhante à que descreve Thompson (1985) acerca das orações finais antepostas do inglês, que apresentam um problema cuja solução é oferecida pela oração principal. Aqui são denominadas construções finais de orientação.

(18) É necessário não deixar o cabelo muito exposto a temperatura, pois com o tempo o cabelo vai queimando, além de ficar mais fraco, tornando-se quebradiço. “Para utilizar o Baby Liss’, lembre-se de estar com os cabelos totalmente secos’ (Moreira, 2022, p. 102, grifos do autor).

NI: (M_i: [(A_i: – utilizar o Baby Liss – (A_i)_{Orient}) (A_j: – lembre-se de estar com os cabelos totalmente secos – (A_j))] (M_i))

NM: (L_e: [(^{dep}Cl_i: – para utilizar o Baby Liss – (Cl_i)) (Cl_j: – lembre-se de estar com os cabelos totalmente secos – (Cl_j))] (L_e_i))

Assim como em (17), a ocorrência em (18) é retoricamente estruturada a partir da combinação de dois Atos Discursivos, um Nuclear (A_i) e um Subsidiário (A_j), sendo atribuída a este a função retórica Orientação (Orient), que, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), corresponde a uma estratégia empregada pelo falante para antecipar alguma informação que será tratada na interação, funcionando como suporte ou âncora para que o ouvinte compreenda e aceite o conteúdo da interação.

A articulação retórica própria às construções finais de Motivação e de Orientação, que servem aos propósitos interacionais do falante ao agirem, de alguma maneira, na disposição das informações evocadas no discurso, revela que, no Nível Morfossintático, entre as orações ali articuladas não há uma relação de constituência, de modo que uma Oração não pode ser considerada constituinte da outra, não havendo, assim, encaixamento e/ou subordinação.

Por outro lado, a dependência comunicativa entre os Atos Discursivos ali articulados configura um padrão morfossintático em que se combinam uma Oração de estatuto sintático autônomo, a que codifica o Ato nuclear (chamada Oração independente), e uma Oração que, ao codificar o Ato subsidiário, não apresenta qualquer autonomia sintática e, assim, corresponde a uma Oração dependente (^{dep}Cl). No Nível Morfossintático, portanto, as construções finais de Motivação e de Orientação são ambas codificadas com o padrão de uma Expressão Linguística (Le), conforme a configuração básica de Cossubordinação, em que a Oração que corresponde ao Ato Nuclear é independente (Cl), e a Oração que corresponde ao Ato Subsidiário é dependente (^{dep}Cl).

Por fim, um terceiro tipo de construção final discursiva se volta para o gerenciamento da interação, exemplificado em (19) e (20). Para Dias (2001), as orações negritadas em (19) e (20) constituem casos de ‘parênteses’: elas não se ligam propriamente a uma oração núcleo, mas trazem uma informação que

interrompe a continuidade do tópico ali desenvolvido, apresentando uma interferência do locutor no fluxo discursivo para esclarecer algum ponto do tópico e/ou inserir alguma informação que julgue relevante para o desenvolvimento de seu discurso.

Fontes (2016), com base em Jubran (2006), especifica essa proposta de Dias (2001) ao classificar as orações destacadas em (19) e (20) como parênteses com foco no locutor, já que, ao configurarem curtos desvios (inserções de curta extensão) na elaboração do tópico discursivo, acentuam a presença do locutor e manifestam sua atitude em relação ao tópico em desenvolvimento.

(19) Há papos básicos como os de relacionamentos passados, os sobre o tempo em que estão sozinhos, o que gostam de fazer e até o que esperam de um relacionamento. Há os pedidos mais complexos que envolvem o ‘fale-me mais sobre você’ e o ‘o que você quer saber?’. Dá vontade de fazer um manual de instruções e entregar em a mão de o outro. Tenho preguiça de contar a história de a minha família (e isso é sempre fundamental) e o porquê de eu não dirigir. Mas não há outro jeito. ‘Só que o que dá mais preguiça – ‘para não dizer ‘medo’-- mesmo é o sexo’. Ir para a cama com outra pessoa, depois de ter passado tanto tempo entre os lençóis com uma só, de quem você já sabe todos os gostos, fantasias e desejos.... (CP-Web/Dialetos: amelhordasintencoes.wordpress.com).

NI: (A_i): [(F_i: DECL (F_i)) (P₁)_S (P₂)_A (C_i: – só que o que dá mais preguiça mesmo é o sexo – (C_i): (σ: – não dizer medo – (σ)) (C_i))] (A_i)

NM: (L_{e_i}): [(Cl_i: – só que o que dá mais preguiça mesmo é o sexo – (Cl_i)) (Cl_j: – para não dizer medo – (Cl_j))] (L_{e_i})

(20) -> claro que esta é exagerada.

- sim. ‘Essa ‘para ser verdadeira’ era um bocado’, mas isso deve ser preciso uma paciência de Job para estar ali parado numa porta à espera que o pato passe (Fontes, 2016, p. 170, grifos do autor).

NI: (A_i): [(F_i: DECL (F_i): : (σ: – ser verdadeira – (σ) (F_i)) (P₁)_S (P₂)_A (C_i: – essa era um bocado – (C_i) (C_i))] (A_i)

NM: (L_{e_i}): [(Cl_i: – essa era um bocado – (Cl_i)) (Cl_j: – para ser verdadeira – (Cl_j))] (L_{e_i})

Em (19), a oração ‘para não dizer medo’ insere-se no desenvolvimento do tópico discursivo e funciona como uma estratégia de preservação da face do falante sobre o que está sendo enunciado (‘o que dá mais preguiça mesmo é o sexo’), já que o falante opta, ao inserir a questão do *sexo*, por usar, primeiramente, um termo avaliado por ele como ‘mais suave’ (‘preguiça’), optando, nessa avaliação, por um segundo termo (‘medo’), mais forte em termos de um posicionamento subjetivo. Já em (20), a oração ‘para ser verdadeira’ insere-se no desenrolar do tópico discursivo como estratégia do falante em sinalizar, ao seu ouvinte, sua (do falante) atitude em trazer a verdade sobre os fatos ali inseridos (de que ‘era um bocado, mas isso deve ser preciso uma paciência de Job para estar ali parado numa porta à espera que o pato passe’).

Essas orações finais são estratégias empregadas pelo falante para sinalizar o papel que as informações evocadas cumprem no desenvolvimento do discurso ou para inserir algum comentário sobre o que foi enunciado. São, conforme defendem Keizer (2018, 2020), Kaltneböck e Keizer (2021) e Moreira (2022), casos de modificação interpessoal, de restrição interpessoal: a informação evocada pela oração final adiciona ao discurso alguma manifestação interpessoal do falante, interferindo, de alguma maneira, na veiculação do conteúdo ou da força ilocucionária do Ato. Na GDF, os modificadores interpessoais podem escopar todas as camadas, e, no caso de (19) e (20), os modificadores interpessoais ali assinalados escopam o Conteúdo Comunicado (vd. (19)) e a Ilocução (vd. (20)).

O Conteúdo Comunicado corresponde à totalidade do que o falante deseja comunicar a seu ouvinte dentro de um Ato Discursivo. Os modificadores do Conteúdo Comunicado podem cumprir três funções: (i) sinalizar a fonte do conteúdo pelo Ato comunicado (os modificadores reportativos); (ii) enfatizar o conteúdo expresso dentro do Ato (modificadores enfáticos); e (iii) expressar alguma atitude subjetiva do falante em relação ao Conteúdo Comunicado. Essa terceira funcionalidade se aplica à ocorrência (19), assim como a (21).

(21) Seja como for, o efeito de contraste criado por essa complacência indiscriminada – ‘esse filistinismo, ‘para usar um termo mais adequado’ – ao menos chama a atenção para um fato óbvio, banal e desenhado: tão-somente por via de nossas reações particulares e concretas a certos momentos deste ou daquele filme, bem como por via do exame crítico e teórico desses encontros, é que poderemos desenvolver uma convicção genuína da dignidade do cinema enquanto objeto de estudo (Dias, 2001, p. 88, grifo da autora).

NI: (A_i): [(F_i: INT (F_i)) (P₁)_S (P₂)_A (C_i: – esse filistinismo – (C_i): (σ: – para usar um termo mais adequado – (σ)) (C_i))] (A_i)

NM: (L_{e_i}): [(Np_i: – esse filistinismo – (Np_i)) (Cl_j: – para usar um termo mais adequado – (Cl_j))] (L_{e_i})

Em (21), o Subato Referencial ‘esse filistinismo’ compõe o Conteúdo Comunicado de um Ato que serve como aposto do Ato nuclear, recategorizando, especificamente, todo o Subato Referencial anteriormente expresso (‘o efeito de contraste criado por essa complacência indiscriminada’). Com a oração ‘para usar um

termo mais adequado', o falante demonstra seu intuito nessa recategorização, ou melhor, evoca sua atitude frente à necessidade de ser mais preciso naquilo que deseja comunicar ao ouvinte. Enquanto formas de expressão de atitudes subjetivas do falante em relação ao que deseja comunicar com um Ato Discursivo, os modificadores em (19) e (21) escopam o Conteúdo Comunicado.

A 'Ilocução', por sua vez, captura as propriedades lexicais e/ou formais que podem ser atribuídas ao uso interpessoal convencionalizado de um Ato para atingir uma determinada intenção comunicativa. Os modificadores de Ilocução são estratégias empregadas pelo falante que afetam diretamente a força ilocucionária de um Ato. Esse é o caso de (20), assim como de (22) e (23) abaixo.

(22) 'pra ser sincera' acho que eu nunca pensei sobre isso (Antonio, 2011, p. 211, grifo do autor).

NI: (A_i: [(F_i: DECL (F_i): : (σ: – ser sincera – (σ) (F_i)) (P₁)_S (P₂)_A (C_i: – acho que eu nunca pensei sobre isso – (C_i) (C_i))] (A_i))

NM: (Le_i: [(C_i: – acho que eu nunca pensei sobre isso – (C_i)) (C_i: – pra ser sincera – (C_i))] (Le_i))

(23) eu quero lembrar que em setenta e sete, portanto ainda antes da data prevista, nós já tínhamos um milhão de estudantes nos vários níveis de ensino. portanto, e tínhamos, aliás, mais, "para ser mais correcta", tínhamos, só no primeiro nível em setenta e sete, um milhão e vinte e seis mil' (Fontes, 2016, p. 170, grifo do autor)

NI: (A_i: [(F_i: DECL (F_i): : (σ: – ser mais correcta – (σ) (F_i)) (P₁)_S (P₂)_A (C_i: – tínhamos, só no primeiro nível em setenta e sete, um milhão e vinte e seis mil – (C_i) (C_i))] (A_i))

NM: (Le_i: [(C_i: – tínhamos, só no primeiro nível em setenta e sete, um milhão e vinte e seis mil – (C_i)) (C_i: – para ser mais correcta – (C_i))] (Le_i))

A oração 'pra ser sincera' em (22) assinala o desejo do falante em demonstrar que a declaração do Ato Discursivo evocado pela outra oração é feita de forma sincera. Em (23), o falante, com a oração 'para ser mais correcta', deixa nítida sua preocupação com a exatidão numérica da informação trazida de que 'em setenta e sete, tinham, no primeiro nível, um milhão e vinte e seis mil de estudantes'. Enquanto estratégia de preservação da face, o conteúdo assinalado pelos modificadores em (20), (22) e (23) afetam, de alguma maneira, a força ilocucionária do Ato Discursivo; trata-se, portanto, de modificadores da Ilocução.

As construções finais de modificação interpessoal representam casos de inserção parentética e, na GDF, de restrição interpessoal. Essas inserções correspondem a padrões morfossintáticos semi-fixados, estruturados em termos de predicções não-verbais, em que ocorrem a cópula *ser* e um adjetivo qualificador. E, conforme o modelo teórico da Gramática Funcional proposta por Dik (1997), podem ser tratadas como Constituintes Extraoracionais, já que (i) podem preceder, interromper ou seguir a oração, (ii) são destacados da oração por mudanças na entoação (quando se trata de língua falada), (iii) não se submetem às regras gramaticais que operam dentro dos limites da oração, embora possam ser relacionados a ela por regras de correferência, paralelismo e antítese, e (iv) não são essenciais à estrutura interna da oração, podendo ser retirados sem que deixe de ser gramatical.

No Nível Morfossintático, esse tipo de formulação interpessoal não demanda, então, um padrão de encaixamento ou de subordinação, mas um padrão de Extraoracionalidade, ou melhor, essas construções são codificadas como Expressões Linguísticas (Le_i), com a configuração de Extraoracionalidade, combinando uma unidade central, geralmente uma Oração (mas também um Sintagma, como em (22)), posicionada na posição central (P^{centro}) da Expressão Linguística, e uma Oração de natureza final (C_i), que, como constituinte extraoracional, aloca-se em posição fora da Oração.

Em suma, numa busca por alinhar traços da formulação e da codificação morfossintática, chega-se a uma caracterização do quadro de construções finais do Nível Interpessoal (tratadas como 'construções finais discursivas') a partir de três tipos: (i) a 'construção discursiva de motivação' (em que se articulam retoricamente dois Atos, um Nuclear e um Subsidiário, e este justifica a evocação daquele); (ii) a 'construção discursiva de orientação' (em que se articulam retoricamente dois Atos, um Nuclear e um Subsidiário, e este estabelece um cenário para a evocação daquele); (iii) os 'modificadores interpessoais' (que expressam atitudes (inter)subjetivas do Falante, restringindo a Ilocução ou o Conteúdo Comunicado do Ato Discursivo).

Considerações finais

Este artigo propõe uma tipologia das construções finais, no português, pautada no alinhamento entre as decisões tomadas pelo falante na formulação (interpessoal e/ou representacional) dessas construções e os impactos que tais decisões geram para sua codificação morfossintática.

A Figura 2 abaixo ilustra essa tipologia, dispondo os cinco diferentes tipos de construções finais aqui descritos. Ao lado de cada tipo, encontra-se o molde interpessoal e/ou representacional de formulação, com

as camadas combinadas e o tipo de função atribuída à unidade subsidiária, e seu padrão morfossintático de codificação, com as camadas morfossintáticas combinadas e o tipo de articulação sintática.

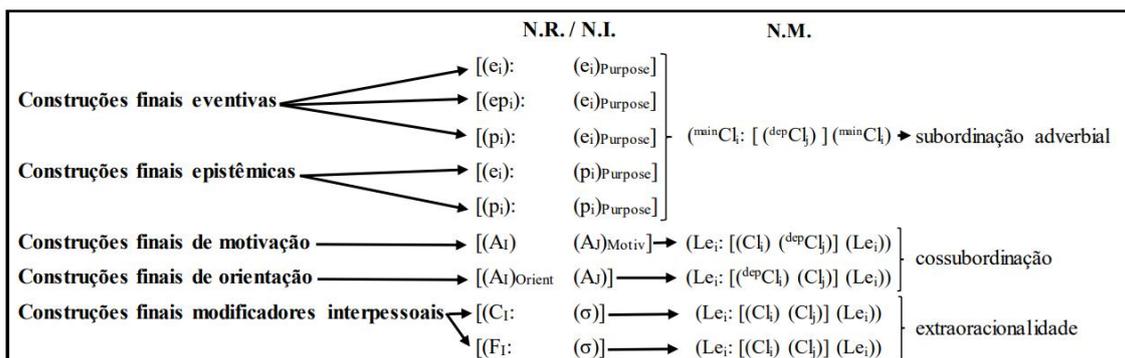


Figura 2. Tipologia das construções finais no português brasileiro.

Fonte: A autoria própria.

A proposição dessa tipologia, desenhada na Figura 2, permite cotejar alguns avanços para a abordagem da GDF acerca de construções adverbiais e/ou circunstanciais, principalmente ao permitir visualizar diferentes alinhamentos possíveis entre os níveis da formulação e o nível da codificação morfossintática relativos aos seus usos. Dessa tipologia, consideram-se, de modo geral, três modos de compreender a combinação entre unidades linguísticas no interior de construções complexas de natureza adverbial e/ou circunstancial:

- i. os casos de ‘modificação adverbial’ entre entidades ontológicas, no Nível Representacional, codificados, no Nível Morfossintático, em termos de ‘subordinação adverbial’, em que uma Oração dependente está encaixada na posição de modificador adverbial da Oração principal;
- ii. os casos de ‘articulação retórica’ (relação de dependência) entre Atos Discursivos, no Nível Interpessoal, codificados, no Nível Morfossintático, com a configuração de ‘cosubordinação’, em que uma Oração dependente se combina a uma Oração autônoma dentro da Expressão Linguística;
- iii. os casos de ‘modificação interpessoal’, com escopo sobre camadas do Nível Interpessoal, codificados, no Nível Morfossintático, com a configuração da Expressão Linguística em termos de ‘extraoracionalidade’, em que uma Oração dependente se combina a outra unidade linguística (geralmente outra Oração).

Referências

Antonio, J. D. (2011). Expressão da relação retórica de propósito em elocuições formais e entrevistas orais. *Calidoscópico*, 9(3), 206-215. <https://doi.org/10.4013/cld.2011.93.05>

Cristofaro, S. (2003) *Subordination*. University Press.

Davies, M., & Ferreira, M. (2016). *Corpus do Português: Web/Dialects*. <http://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>

Dias, N. B. (2001). *As cláusulas de finalidade* [Tese de Doutorado em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas].

Dik, S. C. (Ed.). (1997). *The theory of functional grammar. The structure of the clause, Part 1*. Mouton de Gruyter.

Fontes, M. G. (2016) A relação finalidade em português: tipologia e funções. *Cadernos de Pós-graduação em Letras*, 15, 156-174.

Hengeveld, K., & Mackenzie, J. L. (2008). *Functional discourse grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford University Press.

Jubran, C. C. A. S. (2006). Parentetização. In C. C. A. S. Jubran (Org.), *Gramática do português culto falado no Brasil* (Vol. I, Construção do texto falado). Contexto.

Kaltenböck, G., & Keizer, E. (2021). *Insubordinate if-clauses in FDG: From modification to independence*. [Abstract]. Workshop on Functional Discourse Grammar: Modification in Functional Discourse Grammar. Graz, AT.

Keizer, E. (2018). Interpersonal adverbs in FDG: the case of frankly. In E. Keizer, & H. Olbertz (Eds.), *Recent developments in functional discourse grammar* (pp. 48-88). John Benjamins.

Keizer, E. (2020) The semantics, syntax and prosody of adverbs in English: an FDG perspective. In A. Haselow, & G. Kaltenböck (Eds.), *Grammar and cognition: dualistic models of language structure and language processing* (pp. 191-231). John Benjamins.

- Moreira, F. L. (2022). *Orações finais introduzidas por para (que) e a fim de (que): uma abordagem discursivo-funcional* [Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul]. Biblioteca Digital da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/5132>.
- Neves, M. H M. (2011). *Gramática de usos do português* (2a ed.). UNESP.
- Pérez Quintero, M. J. (2002). *Adverbial Subordination in English. A Functionalist Approach*. Rodopi.
- Thompson, S. A. (1985) Grammar and written discourse: initial vs. final purpose clause in English. *Text - Interdisciplinary Journal for the Study of Discourse*, 5(1-2), 55-84. <https://doi.org/10.1515/text.1.1985.5.1-2.55>